SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVI

ABRIL DE 1970

N.º 300

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

23 DE ABRIL DIA DO ESCOTEIRO

23 de Abril é data de festa em todo o mundo escotista, a festa dos BONS ESCOTEIROS, como disse B.-P.

Neste dia celebra-se a derrota do Dragão do Mal sob a indomável vontade de S. Jorge, destemido cavaleiro que percorria o Mundo na senda do ideal de espalhar a felicidade na terra.

Mas, cautela, escoteiros! Ao longo da História temos de convir em que, bastas vezes, o Monstro terrível é que é o vencedor. E vencedor porque a fantástica figura do Dragão nem sempre nos surge como implacável besta-fera, horrenda e temerosa. Quantas vezes ele se insinua como que possuído dos mais piedosos intuitos e pletórico de irrecusáveis convites, capazes de seduzir até as vontades mais fortes e de estropiar as mais acrisoladas virtudes?

Todavia, o Escotismo não é meramente um pretexto para tertúlias desenfadadas, para aventurosas digressões ou invocações saudosistas. O Escotismo é, ao envés, um incentivo perene para a prática da fraternidade, do serviço do próximo, da generosidade, da alegria saudável dos que não se defraudam a si próprios.

Que o cultivo destes Ideais, em detrimento das viciosas tendências que nos tornam receptivos às manobras do Dragão, assinalem a passagem de mais este dia de S. Jorge, — o Dia do Escoteiro.

FALTA DE ESPAÇO

Diverso original e noticiário não pôde ser publicado por falta de espaço. Que os nossos colaboradores e leitores nos desculpem.

REFLEXÕES

pelo DR. EUGÉNIO HENRIQUE RAMOS

Talvez porque, aprendida quando era ainda muito jovem, a Lei do Escoteiro sempre me disse mais ao coração do que à razão...

Talvez porque, desprovida de sanção e impossível de imposição coactiva, nunca a encarei como norma jurídica, mesmo quando me fiz aprendiz de leis.

Talvez porque, tendo só por castigo a reprovação da consciência e por prémio a felicidade própria, mais não lhe encontrava que a natureza de um código de honra, mais que a norma de conduta humana ou de moral.

Sucede, contudo, que bem recentemente foi para ela despertada a minha atenção de forma diversa.

Dá-se o caso que pessoa amiga, conhecedora dos meus interesses pelo Escotismo, manifestou o desejo de que sobre ele lhe dissesse alguma coisa. Como não podia deixar de ser, falei-lhe da nossa Lei.

Um pouco inesperadamente, vi-me logo solicitado por esclarecimentos que me mostravam nem tudo ser tão simples quanto sempre me parecera.

Assim, e para começar pelo Artigo Primeiro, foi-me posta a seguinte questão:

— Se o escoteiro é verdadeiro, significa isso que nunca escoteiro algum minta, mesmo quando obrigado a proteger alguém que de tal seja digno? Ou, em caso contrário, esse artigo da nossa Lei é irrealista?

Respondi achar a pergunta capciosa, mas contrapus que estava posta uma hipótese em que outro valor entrava em jogo. Foi-me, todavia, observado que a minha resposta envolvia uma justificação dos meios pelos fins.

Confesso ter ficado embaraçado, mas, desejoso de fornecer réplica imediata, objectei que o escoteiro era sempre verdadeiro, na medida em que não se negasse a si próprio.

O acontecimento veio, contudo, dar-me ensejo de reflexão. E agora, talvez já por «formação» ou «deformação» escolar e profissional, senti desejos de procurar uma interpretação da nossa Lei. Como não podia deixar de ser, senti a minha atenção concentrada na expressão «verdadeiro», logo saltando para o conceito da verdade.

Num mundo em que a verdade de uns não é a verdade de outros, e qualquer deles quer impor a sua verdade... qual é ela?

Numa comunidade em que teòricamente se exaltam valores que na prática se destroem... existirá ela?

Numa colectividade em que só se busca a própria razão, cegos à razão alheia... poderá ela ser encontrada?

Dúvidas angustiantes me traz estoutra questão: mas poderá, em tal mundo, o Escoteiro ser verdadeiro? Ou teria razão o meu amigo ao aventar que a nossa Lei fosse — pelo menos actualmente — irrealista?

... E sentia como que um anseio — quase de sobrevivência — de que a Verdade para o escoteiro não pudesse deixar de existir, a fim de que ele continuasse a ser verdadeiro, pois sem verdade ele não poderia manter a sua qualidade de escoteiro.

E como a necessidade apura o engenho, vi suprida a minha insuficiência intelectual pela abundante intuição que o nosso Movimento me incute.

Sim, a verdade existe e o escoteiro pode ser verdadeiro... se respeitar o que considero dever ser o Ideal escotista, como objecto de aperfeiçoamento próprio e alheio, sem imposições coactivas... sem sanções, enfim, sem se tornar em norma jurídica.

...Mas as dúvidas são como as palavras... e estas como as cerejas! Logo uma atrás de outra vem... Como entender, então, o Ideal escotista?

Um desejo feito vontade... um sonho feito realidade... um esforço feito força... por um mundo justo, livre, pleno de humana acção criadora, realizado numa comunidade feita de companheirismo.

Um mundo em que se reivindique, mas não por orgulho, nem pela riqueza, mas, sim, pela felicidade humana.

Um mundo em que se exija até menos a liberdade, mas com liberdade de

Continua na pág. 3

Filatelia

por MENDES MARQUES

PEÇAS FILATÉLICAS

Todo o filatelista que acalente ambições no capítulo das recompensas, o mesmo que sair do anonimato, tem de se dedicar a um trabalho de pesquisa, por vezes insano, tendo por finalidade a aquisição de peças que valorizem em muito a colecção. Estão neste caso os aerogramas, os inteiros postais, as marcas postais, variedades e todos os selos que pela sua raridade constituam peças de leilão.

No caso específico do Escotismo já aqui falámos de algumas, susceptíveis duma valorização muito interessante. A grosso modo, cito os selos de Mafeking, os selos e carimbos da Checoslováquia, os selos do Sião, os carimbos dos primeiros Jamboris e dos *Moots* mundiais, os carimbos da Roménia e da Polónia, e, por assim dizer, quase todos os carimbos anteriores a 1948.



É sabido que em Portugal só por acaso se consegue adquirir qualquer peça digna de figurar numa colecção especializada. Resta-nos estar atentos aos leilões que, de tempos a tempos, são organizados por Clubes ou comerciantes especializados estrangeiros.

Ora, o presente apontamento teve a sua origem num leilão, ou, melhor dizendo, numa consulta que me foi feita por um membro do Agrupamento acerca duma peça idêntica à da figura. Como se pode observar, o sobrescrito, pois dum sobrescrito se trata, contém, no anverso, a série romena comemorativa do Jambori nacional de Sibiu.

Era-me perguntado do valor filatélico da referida peça. Após exame, pronunciei-me pela sua não aquisição. Efectivamente, nada na peça nos diz tratar-se dum carimbo com valor que justifique a sua inclusão na colecção, e neste caso só o carimbo nos interessa, tanto mais estar convencido de ter havido carimbo comemorativo. É evidente que, estando enganado, qualquer esclarecimento será acolhido com toda a satisfação.

Presumo adivinhar o que teria sucedido com as peças referidas. Alguém, escoteiro ou não, apôs nuns tantos sobrescritos a série citada, completando-os com selos diversos para atingir a taxa exigida, e os enviou para os seus amigos. Caso curioso, sendo uma de 1932 e outra de 1934, ambas as peças foram endereçadas para a Suiça.

Tudo foi premeditado, pois a inclusão total e o registo testemunham a evidência dum propósito necessàriamente ligado àquela bela série. Teria havido a ideia duma recordação sem ter em conta o evento a que respeitava? Repare-se que o carimbo é de Bucareste (carimbo normal?), enquanto o acampamento teve lugar em Sibiu, na Transilvânia, e, pelos dados que consegui coligir, esteve aberto de 5 a 31 de Julho de 1932.

Dito isto, sou de opinião de que, na dúvida, não se devem adquirir tais peças por poderem vir a constituir dinheiro gasto inùtilmente. A sua inclusão pode, inclusive, levar um júri conhecedor a ficar mal impressionado com os conhecimentos demonstrados pelo expositor. O reverso é também de admitir e, neste caso, com considerável vantagem, mas, jogando pelo seguro demonstrando ser uma genuína peça.

É certo que tenho constatado aparecerem anunciadas, em leilões, algumas peças deste género. Não importando aduzir algumas das razões que motivam a sua inclusão, mantenho e sigo o critério anteriormente exposto.

Como sempre, e reiterando o que atrás pedi, quaisquer comentários complementares são de agradecer.

EXPOSIÇÕES

Embora com algum atraso, não quero deixar de fazer uma pequena referência à participação escotista na AEMIPEX — VII Exposição Filatélica Nacional, que teve lugar em Coimbra de 30 de Novembro a 9 de Dezembro do ano findo, sem dúvida a maior e a melhor realizada em Portugal.

Representada por 3 participações, a temática escotista teve comportamento brilhante. Referida que foi a classificação de Fernando Carrão — V. jornal anterior —, com justa medalha de prata, o metal que abre as portas das exposições internacionais, resta mencionar as classificações das restantes. Assim, o universitário Rui José Pereira Coelho (escoteiro), obteve bronze prateado, enquanto à participação do signatário foi atribuída medalha de *vermeil*, uma das três medalhas de *vermeil* da classe temática.

Faço votos para que a sua menção possa constituir um estímulo para que outros saiam do seu «eu» e mostrem ao público as suas participações — simples que sejam. Um óptimo meio de propaganda.

NOVOS ASSINANTES DE «SEMPRE PRONTO»

O grupo de Amigos que se decidem a cooperar com este jornal, vai contando, mês após mês, com novos nomes, o que nos enche de satisfação.

Neste mês, temos a registar a vinda dos seguintes novos assinantes:

A sr.ª D. Maria Carolina Sá Viegas, de Benguela, e os srs. Fernando Rodrigues de Oliveira, Francisco Craveiro Esteves, José Joaquim Quinteiro Monteiro, José Manuel da Costa Dias e Virgílio da Silva Morais.

Outros Amigos demonstram a simpatia por «Sempre Pronto», enviando-nos espontâneamente a importância das suas assinaturas. Encontra-se nestas circunstâncias o nosso estimado assinante patrocinador sr. Francisco do Nascimento Pina, de Olhão, que nos remeteu o valor da assinatura de 2 anos.

Também os nossos assinantes srs. António Viegas Custódio e Fernando Amílcar da Silveira procederam de igual modo, enviando-nos as importâncias da assinatura anual.

A todos estes nossos colaboradores e amigos os nossos agradecimentos muito sinceros.

XXIII Poemeto Filatélico

Diante dum dos selos comemorativos do V Centenário do nascimento de Vasco da Gama.

Num mar de breu
O dito escuto,
Do hispano-hebreu
Abrão Zacuto:
«Rosa dos ventos,
«Onde nos levas?
«Quantos portentos
«Furando as trevas!»
Herói de fama
Imorredoura,
Vasco da Gama
Seu brasão doura.
A História fala
E repercute:
Chega a Sofala
E a Calecute
Pouca é a gente
Ao seu serviço?
Muito o enleio?
Ele, o Valente,
Vence o enguiço,
Vence o anseio.
A Índia à vista
Enfim chegou!
O que persista
(Mais uma vez!)
No que encetou,
É, afinal,
Bom português
De Portugal!

Eduardo Moreira

ANTIGOS FRATERNAL ESCOTEIROS
1950-1970

O ANO DOS VINTE ANOS DA FRATERNAL

Conforme anunciámos no último número, tiveram início as comemorações do XX Aniversário da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. Assim, na manhã do dia 11 de Março, foram içadas as bandeiras nacional, da Associação e da Fraternal na fachada da sede.

À noite, as janelas da sede foram iluminadas e, entre elementos que na Fraternal se encontravam em reunião de trabalho, foi celebrada a passagem do aniversário da assembleia geral em que foi criada esta organização. Durante um *Porto de honra* íntimo foram recordados esses momentos inolvidáveis, assim como os nomes de muitos companheiros que deram forma a essa iniciativa.

No domingo, dia 22 do mesmo mês, um grupo de admiradores do Dr. Alfredo Tovar de Lemos, bem como um piquete dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, esteve no jazigo deste grande dirigente escotista no cemitério do Alto de S. João, onde prestou homenagem à memória do primeiro Presidente da Direcção da Fraternal e um dos mais activos escoteiros portugueses.

Usou da palavra o nosso companheiro sr. Luís Simões Aurélio que, em sentida manifestação de apreço, falou de, quando ainda lobito, conheceu o sr. Dr. Tovar de Lemos, tendo historiado a entrada deste saudoso dirigente para o Escotismo e a relevante acção que no movimento viria a desenvolver. E afirmou: «Felizes dos homens que perpetuam para além da morte o seu nome, mercê de uma actividade nobilíssima, como aconteceu com o Dr. Tovar de Lemos». Terminou, afirmando que esta cerimónia tinha como objectivo manifestar a gratidão e a simpatia dos antigos escoteiros por uma personalidade que, com tanta nobreza, dedicara toda a sua vida a tão elevados ideais.

Nesta solenidade, dignou-se estar presente a viúva do homenageado, sr.ª D. Rosa Tovar de Lemos, bem como o vice-presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, sr. Manuel Vítor da Silva.

Outras comemorações

Vão continuar as comemorações do XX Aniversário da Fraternal, conforme programa que já publicámos no último número. Assim, este mês realizam-se os seguintes actos:

Dia 11, às 21 h. e 30 m.: Sessão solene comemorativa do XX aniversário, no salão nobre do Ateneu Comercial de Lisboa. Orador o distinto advogado e antigo escoteiro-chefe sr. Dr. Eugénio Henrique Ramos. Entrega de diplomas aos sócios fundadores.

Dia 19, às 9.: início da «Semana do Escoteiro» com oferta de milho aos pombos do Rossio pelos lobitos; às 11 h.: culto evangélico na Igreja Evangélica Presbiteriana, na Rua de Febo Moniz.

Dia 23, à noite: Sessão de cinema no Palácio Foz.

Dias 25 e 26: Exposição dos trabalhos apresentados no Concurso de Trabalhos Manuais e de Filatelia Escotista, na sede dos Serviços Centrais, no Cais do Sodré. Aposição de um carimbo comemorativo editado pelos C. T. T.

Dia 26: Assistência à missa campal promovida pelo CNE, por motivo do Dia do Escoteiro.

Em Maio — No dia 17: visita ao Asilo dos Velhinhos de Costas do Cão; com festa de campo em que participarão membros de todas as Divisões Escotistas; concentração em Cacilhas, às 15 horas; e em dia a determinar: visita ao Aqueduto das Águas Livres.

Em Agosto — De 14 a 23: Acampamento dos Antigos Escoteiros, em conjunto com o Acampamento Nacional da AEP, no Parque de Escotismo da Caparica. Almoço de confraternizacão.

A direcção da Fraternal aguarda autorização para utilizar estes recintos.

Filatelia

O carimbo comemorativo do XX aniversário será colocado em sobrescritos especialmente editados para este efeito.

Recebem-se pedidos dos interessados.

«Crachat» comemorativo

Será posto à venda um *cracht* comemorativo deste aniversário, ao preço de Esc. 5$00. A Fraternal aceita pedidos de quem estiver interessado.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Os escoteiros e a Fraternal

Com a fundação da Fraternal dos Antigos Escoteiros há quem afirme — e, digamos, justificadamente — que uma nova luz se acendeu no firmamento do Escotismo Nacional. Esses valores, que desde há muito andavam dispersos por aqui e ali, voltando de novo a dar o seu valioso contributo para o reflorescimento das hostes escotistas do nosso País, são de facto dignos de serem acolhidos com alegria e esperança pelos que vêem o problema escotista nacional com certa clarividência.

. . . . . .

Os nossos escoteiros de hoje assemelham-se a bons recipientes, porém vazios de saber e de experiência. Dêem-lhe os antigos todo esse conteúdo e brevemente veremos cruzar os campos de Portugal punhados de rapazes animosos e alegres, verdadeiros discípulos de Baden-Powell. Lembremo-nos do que fizeram os escoteiros do Um e dos outros primeiros grupos portugueses e teremos a prova cabal do que se poderá fazer no campo escotista em Portugal.

. . . . . .

Não há dúvida de que em Portugal se pode fazer qualquer coisa no campo escotista: mesmo todos os que, embora inglòriamente, têm posto os seus préstimos ao serviço do Movimento, demonstram grande amor e boa vontade pela Causa, e estas virtudes são com certeza utilíssimas para atingir os objectivos desejados, quando devidamente aproveitadas.

Se dirigentes, escoteiros e antigos escoteiros coóperarem, estamos crentes que estará bem próxima a realização da nossa esperança.

Joel Ribeiro

A Estação Emissora de T. S. F., privativa da Secretaria Mundial de Escotismo, em funcionamento

À hora em que forem publicadas estas linhas já deve encontrar-se a funcionar a estação de T. S. F. da Secretaria Mundial de Escotismo.

Espera-se que seja HB9S o indicativo da estação, a qual opera na frequência de 14,290 kcs, aos sábados, às 9 1/2 horas.

A Secretaria Mundial convida os escoteiros e os radiamadores a tomarem parte nestas emissões.

ESCOTEIROS E NÃO ESCOTEIROS! FILATELISTAS E NÃO FILATELISTAS!

Respondendo ao apelo feito a favor do FUNDO UNIVERSAL DO ESCOTISMO, muitos dos nossos amigos têm continuado a enviar selos postais usados.

Assim aconteceu com os antigos escoteiros srs. Amilcar Fernandes e Luís Simões Aurélio, de Lisboa, Maximiano Leiria, da Beira, e D. Maria Teresa da Conceição Rodrigues, chefe da alcateia do Grupo 93, de Sintra. E ainda o sr. Fulberto Silva, de Queluz, e o escoteiro do Grupo 94 Fernando Manuel Lino da Silveira.

A todos, muito obrigado.

A Direcção da AEP fez já seguir para Genebra um valioso lote de selos.

Quem mais está disposto a colaborar nesta campanha?

REFLEXÕES

Continuação da pgg. 1

o fazer, em que só pode ter aquele que igualmente está pronto a dar.

Mas agora reparo eu: onde me conduziria este encadear de desejos, que, embora sendo a expressão da vontade, não passam ainda do sonho de se tornarem força?

Mas, mais: reparo, além disso, que já muito me alonguei e que pouco ou nada disse, pois nem do Artigo Primeiro da nossa Lei referi tudo quanto penso. Que estas reflexões sirvam, ao menos, de incentivo às reflexões de outros — e hoje tanto se vai perdendo o hábito são de pensar por si — e que alguém mais nos diga o que se lhe oferecer acerca do Artigo Primeiro ou até mesmo sobre o Artigo Segundo, se assim o preferir...

...E que todos contribuamos para a realização do Ideal Escotista!

A Junta Regional de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas promove o XIII Rali da Primavera, a I Gincana de Bicicletas e o IX Rali de Trotinetas

A Junta Regional de Lisboa do CNE convida os escoteiros e lobitos a tomarem parte nestas interessantes provas, que se realizam no lado ocidental do Parque de Eduardo VII, em Lisboa, no domingo, dia 26 do corrente.

O Rali da Primavera é destinado aos escoteiros dos 11 aos 15 anos; a Gincana de Bicicletas aos escoteiros dos 15 aos 17 anos; e o Rali de Trotinetas, aos lobitos.

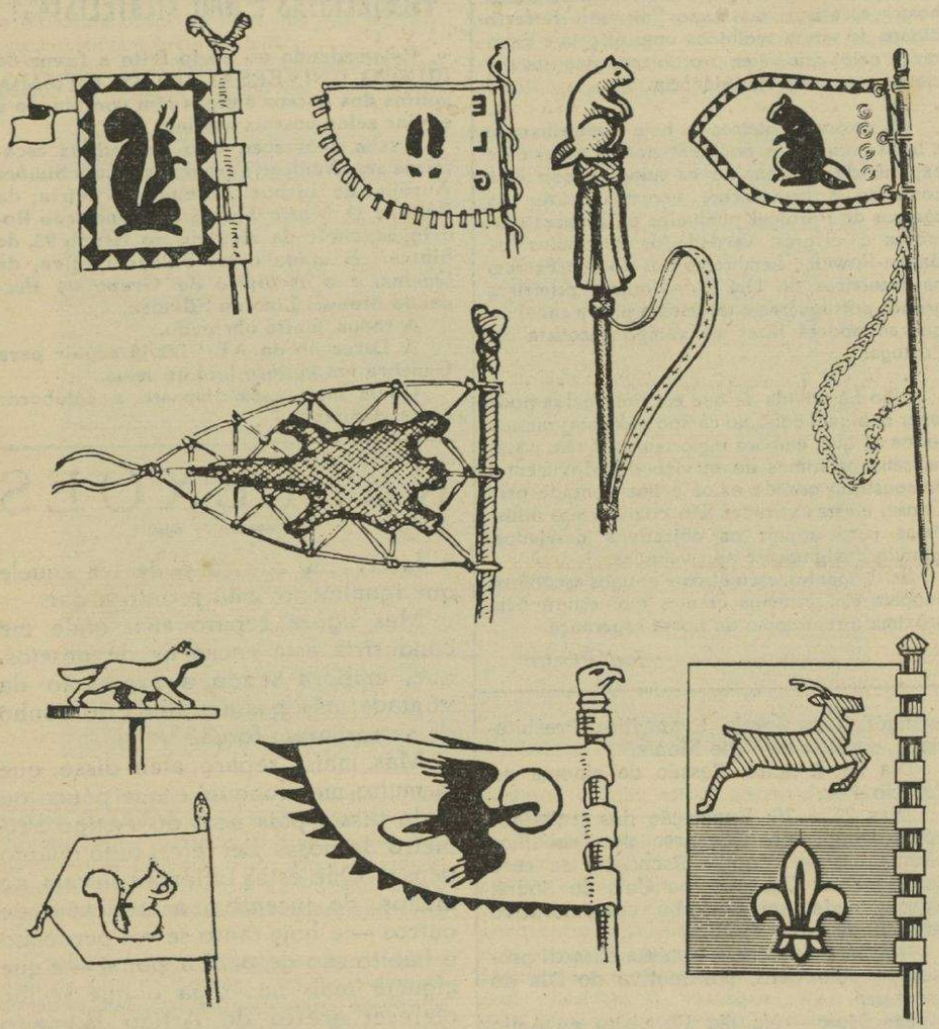
Os preços das inscrições são de 10$00 e 7$50, respectivamente para os escoteiros e lobitos, acrescidos de 5$00 para o seguro que tem validade durante as provas.

Os regulamentos das corridas estão à venda na Junta Regional.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

BANDEIROLAS DE PATRULHA



A Primavera de 1970 já chegou
As folhas renascem e também as ideias devem despontar, modernas, diferentes
Aqui deixamos algumas sugestões para as bandeirolas de patrulha que os escoteiros noruegueses idealizaram.
Parecem bonitas, mas talvez a tua patrulha consiga apresentar uma ainda melhor.
Bom, iremos apreciá-las no Acampamento Nacional.
Mãos à obra!

Adapt. da revista «*Speideren*».

TÉCNICA DE OBSERVAÇAO AS AVES

Por GAMO LIGEIRO

(continuação)

Migração

Muitas aves deixam as nossas regiões no fim do Verão, geralmente em bandos, de dia ou de noite, segundo as espécies, para alcançar os «países quentes», onde passam o nosso Inverno e dos quais só voltam na Primavera. A estas aves dá-se o nome de MIGRADORAS.

Outras, como as MIGRADORAS PARCIAIS, não deixam a Europa. Estão adaptadas à temperatura fria e passam o Verão no norte da Europa, onde fazem o ninho. Mas a neve e o gelo, que provocam o desaparecimento dos vegetais e dos animais de que se alimentam as aves, afastam-nas para o ocidente ou para o sul, regiões de clima menos rigoroso. É por isso que algumas delas apenas habitam na nossa região durante o Inverno.

Chamam-se ERRANTES as aves sedentárias que, em certos anos, desaparecem do lugar em que vivem, para voltarem a aparecer noutra região.

Estudo das Migrações

É uma ciência estudada internacionalmente, que procura conhecer os motivos da deslocação das aves, a maneira como realizam as viagens e os itinerários que seguem.

Para colher elementos em especial sobre este último ponto, procede-se em diversos países à ANILHAÇÃO das aves migradoras, a qual consiste em fechar, ao redor da pata direita da ave, um anel de alumínio, com indicações gravadas. Estas indicações mostram o endereço para onde quem apanhar a ave deve devolver a anilha. Por outro lado, permite determinar o lugar e a data em que a ave foi anilhada.

É difícil agarrar uma ave para lhe colocar uma anilha. Algumas são capturadas no ninho. Mas, desde há tempos que se utilizam finíssimas redes de *nylon*, quase transparentes, que se estendem verticalmente nos lugares de passagem ou de escala das aves migradoras, as quais são assim capturadas em pleno voo.

Quando se encontra uma ave anilhada, deve abrir-se o anel, espalmá-lo e remetê-lo para a morada indicada na anilha, juntando-se-lhe indicações sobre a data, lugar e circunstâncias em que se efectuou a apreensão do animal. Contribuir-se-á assim para aclarar o mistério da migração das aves.

(Continua)



Folhetim de «Sempre Pronto»

Tom, o escoteiro

por MANUEL FERREIRA

(Continuação)

Felizmente, a altura era pouca. Meio atordoado, Tom levantou-se. Na sua frente, tinha uma série de corredores húmidos e arruinados.

Seguiu por eles e, passados tempos de ansiedade, encontrou saída. Estava junto das barracas da tribo.

Ouviu vozes e escondeu-se atrás duma paliçada. Dois índios, de aspecto feroz discutiam:

— Quanto havemos de exigir pelo filho desse maldito xerife?

— Cem mil dólares! — respondeu o outro, o chefe Lobo Selvagem.

— Não achas muito caro, chefe?

— Ora! Para quem tem mais de um milhão, cem mil dólares não têm importância nenhuma...

Tom estava perplexo.

Iam solicitar resgate a seu pai. Viu-os montar a cavalo e partir.

Esperou e, quase uma hora depois, os dois bandidos regressavam, desalentados.

Acercaram-se deles os componentes da tribo. Alguns perguntaram:

— Então?

— Má morte tenha o xerife. O rancho estava deserto.

— Patife! — gritaram os nómadas. — Vingança...

Uma voz, exaltada, lembrou:

— Vamos matar o filho desse demónio branco!

E os selvagens dirigiram-se para a gruta, enquanto Tom, correndo, fugia da aldeia.

Seguindo os sinais das ferraduras dum cavalo, caminhou, longo tempo pela floresta.

O caminho, agora era outro. As pegadas chegavam a uma encruzilhada.

Que fazer?

Procurava orientar-se quando ouviu uns relinchos. Aproximou-se, oculto por um maciço de verdura, e viu um cavalo pastando. Pelos arreios, reconheceu ser pertença dos índios.

Rápido, correu para ele, metendo a galope pela campina.

Já ia muito longe, quando ouviu vozes. Calculou logo tratar-se de peles vermelhas que, decerto, o procuravam. Refreou os ímpetos do cavalo e, saltando, deixou-se cair num relvado, enquanto o animal se afastava.

Mas, o relvado começou a dar de si e, dentro em pouco, o escoteiro sentiu faltar-lhe o chão.

Caiu num abismo.

Os índios acercaram-se mas, ao verem-no cair, riram-se, dizendo:

— Agora, face-pálida, nem o diabo te protege!

(Continua)



Eng.° Ove Holm, R. a. D.

Com cerca de 74 anos de idade, faleceu, recentemente, um dos mais conhecidos, eficientes e prestigiosos membros do Escotismo Mundial — Ove Holm.

Tão ligado ficou à introdução e desenvolvimento do Escotismo na Dinamarca que achamos interessante registar nas nossas colunas o que a esse respeito nos conta o Coronel J. S. Wilson na sua excelente obra «*Scouting round the Word*».

«Durante a sua visita à Grã-Bretanha, em 1909, um professor de educação dinamarquês tomou conhecimento da existência de um novo movimento juvenil chamado Escotismo.

Sendo amigo íntimo do Dr. Hartvig-Moller, director de um afamado Colégio de Copenhague, ofereceu-se-lhe para ir falar aos seus educandos sobre o referido Movimento. E a palestra realizou-se.

No dia seguinte um dos rapazes, Ove Holm, convenceu um dos condiscípulos a ir com ele falar com o director, a fim de lhe solicitarem a organização dum grupo de escoteiros na escola. O condiscípulo, porém, quando Ove já estava a bater à porta do gabinete do director, raspou-se e foi Ove quem teve sòzinho de tratar da pretensão. O director ouviu-o e concordou com a criação de uma patrulha, designando logo Ove para ser o guia e constituindo-se a patrulha com mais 7 rapazes, dois anos de idade mais novos que Ove.

Adquirido um exemplar do livro de Baden-Powell «*Scouting for boys*», que interpretaram o melhor que puderam, fazendo para tanto uso dos conhecimentos de inglês que já possuíam, decidiram encomendar uniformes com machados e outras pecas de equipamento. Não tendo, contudo, feito referências às medidas exactas vieram os uniformes em condições que os forçaram a fazer as necessárias correcções: foi uma dificuldade mais que juntaram à de obter o dinheiro que lhes faltava para poderem realizar o integral pagamento da encomenda.

Do uniforme, trouxe-lhes apoquentações o característico chapéu, que o homem da rua criticava, dizendo-lhes que o Carnaval não durava todo o ano. Dessas críticas, resultaram algumas escaramuças, o que, diga-se, também se dava noutros países em iguais circunstâncias.

No começo de 1910, formaram-se dois grupos, utilizando-se, inteligentemente para guias, os rapazes da patrulha inicial, os quais já tinham sido submetidos ao indispensável treino. Para chefes desses grupos, foram escolhidos o dr. Hartvig-Moller e o tenente de cavalaria Carl Lembcke. Foi este último quem se encarregou da tradução e fez publicar o livro básico «*Scouting for boys*».

Motivado pela leitura desse livro, começaram a surgir grupos de escoteiros por todo o país, o que conduziu à fundação da associação «Det Danske Spejderkorps».

Baden-Powell visitou a Dinamarca no ano seguinte, por ocasião da realização de uma concentração geral de escoteiros no Deer Park (Parque das Renas). Pouco tempo depois, o Rei Cristiano X assistiu também a uma demonstração das actividades dos escoteiros num dos parques da capital dinamarquesa, tendo os seus filhos, o actual Rei Frederico IX e S. A. R. o Príncipe Knud ingressado no grupo de escoteiros de que Ove Holm era nessa altura escoteiro-chefe-ajudante. Ambos os príncipes mantiveram sempre o seu grande interesse pelo Movimento.

Entretanto, em 1910, as Associações Cristãs da Mocidade de Copenhague, por iniciativa de Jens Grane tinham também começado a utilizar o método escotista nas suas actividades juvenis, vindo dois anos mais tarde a criar grupos privativos e filiando-os no Det Danske Spejderkorps.

Infelizmente, porém, surgiu um desentendimento por motivo do integral cumprimento da parte do Compromisso respeitante aos deveres para com Deus. Em 1916, a A. C. M. retirou os seus grupos da D. D. S. e fundou uma associação própria — a KFUM Spejderne i Danmark.

A decisão justificava-se e em 1924 foi a própria D. D. S. que solicitou e patrocinou junto do *Bureau* Mundial o registo e reconhecimento da segunda associação dinamarquesa.

Por acordo entre as duas, foi criada uma Comissão Mista e nomeado um Comissário Internacional Conjunto (comum). E desta forma se verificou o crescimento natural do Escotismo na Dinamarca e a sua tomada de posição na vanguarda do Movimento mundial.

Jens Grane foi nomeado em 1916 E. C. G. da Associação de escoteiros acemistas e no mesmo ano o ten. Lembcke foi escolhido para exercer análogas funções no D. D. S., cargo de que pediu a demissão em 1923, substituindo-o o Eng.° Ove Holm, primeiro como comissário-chefe dos Serviços Centrais e depois como Escoteiro-chefe-geral. Foi nessa qualidade que em 1924, quando se realizou o 2.° Jambori Internacional, fez parte da excelente equipa — chamada «Os 3 mosqueteiros» — (Ove Holm, Jan Hvass e Tage Carstensen), que tão brilhantemente se houve com a organização desse Jambori, que veio a constituir o modelo dos futuros Jamboris Mundiais.

O Eng.° Ove Holm foi durante largos anos membro do *Comité* Mundial e presidente da sua Comissão de Finanças. Em 1949, foi condecorado pela Conferência Mundial com o «Lobo de Bronze», que é a mais alta condecoração escotista do Mundo.

Já anteriormente o Rei da Dinamarca o havia feito Cavaleiro da Ordem Real de Danneborg.»

O Escotismo Mundial perdeu um dos seus mais valiosos membros. Prestando homenagem à obra que realizou, apresentamos condolências aos Escoteiros da Dinamarca.



Eis uma fotografia histórica. Data de 16 de Novembro de 1945 — poucos meses após o termo da Guerra Mundial — quando os membros do Conselho Mundial do Escotismo foram recebidos por Jorge VI, aquando da primeira reunião, realizada em Londres, depois de um intervalo de seis anos, devido à hecatombe mundial. Da esquerda para a direita, vêem-se Sir Alfred Pickford (Inglaterra), General J. Lafond (França), Dr. James E. West (EUA), Jorge VI, Príncipe Gustavo Adolfo (Suécia), *Coronel J. S. Wilson*, (Director da Repartição Mundial), Lorde Rowallan (Inglaterra), *Eng.° Ove Holm* (Dinamarca) e Lorde Hampton (Inglaterra). O único sobrevivente é agora Lorde Rowallan.

Guillermo Padolina

Em 3 de Novembro último, quinze dias antes de completar 54 anos de idade, faleceu Guillermo Padolina, activo dirigente escotista filipino.

A ele se devia, em grande parte, o desenvolvimento do Escotismo no Extremo Oriente.

Ingressou no Movimento com a idade de 15 anos. Em 1938, começou a trabalhar na Associação dos Escoteiros das Filipinas, ali exercendo vários cargos de grande responsabilidade, até que em 1955 foi nomeado Director. Desde então tomou sempre parte em todos os Jamboris e Conferências Mundiais.

Em 1958, foi escolhido para representante permanente da Secretaria Mundial no Extremo Oriente. Nessa qualidade, viajou incansàvelmente pelos países daquela vasta região, auxiliando, treinando e dando o seu competente conselho sempre que isso se tornava necessário para o desenvolvimento do Escotismo.

A sua simplicidade, a sua compreensão humana e a grande dedicação ao Movimento grangearam-lhe, em toda a parte, confiança e afecto.

Saldanha Carreira

Personalidade de grande relevo no Esperanto, tanto nacional como internacional, cujos artigos e valiosos trabalhos em colaboração constante em jornais e revistas esperantistas do mundo, por ele firmados, projectaram além-fronteiras o nome de Portugal e lhe grangearam a reputação de um dos mais eminentes esperantistas, o inesperado falecimento de Saldanha Carreira, ocorrido em 7 de Fevereiro último, em consequência de atropelamento de que fora vítima dias antes, veio abrir uma lacuna no movimento esperantista mundial, que perdeu em Saldanha Carreira, nascido em 1887, ano do aparecimento do Esperanto, um dos maiores continuadores da obra idealista de Zamenhof ao criar uma Língua Internacional como factor de aproximação e fraternidade entre o Homem sem distinção de raças, nacionalidades ou credos. A par da língua nacional de cada um, património sagrado de cada povo, uma língua neutra para as relações internacionais e que muitos outros antes de Zamenhof já haviam concebido, todavia sem o êxito da genial concepção do insigne médico polaco

Continua na pág. 6

NO ETERNO ACAMPAMENTO

Continuação da pág. 5

Saldanha Carreira, que em 1913 se iniciou no Esperanto, alguns anos antes divulgado entre nós na Associação Cristã da Mocidade pelo cidadão suíço Rodolpho Horner, aprendeu logo de início o valor extraordinário da magna concepção do Mestre que tão admiràvelmente se quadrava à sua alma generosa e fez do Esperanto o ideal supremo da sua vida inteiramente devotada ao seu ensino e difusão que nem mesmo a primeira Grande Guerra lograria interromper, pois oficial do Corpo Expedicionário Português, em França, baptizou pomposamente de Rua ou Avenida do Esperanto aquele dédalo de ruas no labirinto das trincheiras em que os Portugueses viviam como toupeiras. Participando nos «raids» à Terra de Ninguém, aproveitava a oportunidade para, rastejando, deixar pendurados no arame farpado das defesas inimigas alguns exemplares do pequeno livro «Chave do Esperanto» editado em língua alemã. Do então Ministro da Guerra, Norton de Matos, obteve autorização para usar na farda o distintivo do Esperanto, crendo-se ter sido o primeiro e único oficial que no mundo obteve tal privilégio.

Aos microfones de Rádio Clube Português, há cerca de quarenta anos, proferiu periòdicamente lições de Esperanto que obtiveram larga audiência e muito contribuíram para a difusão do idioma internacional do qual regeu cursos na Escola Comercial de Ferreira Borges, na Polícia de Segurança Pública, no tempo do Comandante Ferreira do Amaral e na Associação dos Escoteiros de Portugal.

Da autoria de Saldanha Carreira e Luzo Bemaldo, pseudónimo de outro ilustre esperantista, saiu em 1931 a primeira edição do Curso Elementar de Esperanto, obra admiràvelmente concebida de que se publicaram sucessivas edições de alguns milhares, hoje, infelizmente, esgotados. Em revistas e jornais nacionais foram muitos os artigos de propaganda e defesa do Esperanto por Saldanha Carreira subscritos, merecendo especial menção as páginas de Esperanto do semanário «O Diabo» e do jornal «República».

Membro da Academia Internacional do Esperanto, organismo ao qual sòmente pertencem individualidades de reconhecida competência nas Letras, Artes e Ciências, e tem por fim oficializar os novos vocábulos que inevitàvelmente surgem no Esperanto, mantendo este a par da evolução técnica e científica do mundo nos nossos dias, Saldanha Carreira era ainda membro da Associação Universal de Esperanto, tendo sido durante anos seu Delegado-Chefe em Portugal.

Por sua expressa determinação foi simples o funeral sem participações. Apenas duas bandeiras verdes do Esperanto cobriam o seu corpo das quais, a que lhe pertencia, desceu com ele à sepultura, no talhão dos Combatentes da Grande Guerra, no Alto de S. João, enquanto a outra, oferta comovedora de um amigo esperantista, vai ser remetida para Viena de Áustria, a fim de figurar na Sala Saldanha Carreira, existente no Museu do Esperanto, nesta cidade.

Esperantismo e Escotismo, movimentos semelhantes nos seus objectivos de fraternidade, tinham os Escoteiros em Saldanha Carreira um sincero amigo e devotado admirador.

Luís Simões Aurélio

«Sempre Pronto» apresenta aos Esperantistas Portugueses, entre os quais se contam alguns Antigos Escoteiros, e à família do ilustre extinto, a expressão de suas condolências.

Alexandre Herculano

por LUÍS SIMÕES AURÉLIO

(Continuação)

II

No fervilhar da agitação política portuguesa, a 31 de Agosto de 1831, revolta-se contra D. Miguel, o Regimento do 4 de Infantaria, aquartelado em Campo de Ourique. Malograda tentativa revolucionária afogada em sangue, seguida de uma série de fuzilamentos nas terras circunvizinhas do quartel.

Atribuem-se a Herculano, na sua juventude, simpatias pelo Absolutismo. O certo, porém, é que voluntária ou involuntàriamente encontra-se envolvido na malograda intentona, conseguindo escapar ao furor miguelista, ocultando-se em casa do capelão da Colónia Alemã, da qual se passa para uma fragata francesa e desta para um paquete inglês que parte rumo a Plymouth, na Inglaterra, onde já se encontravam numerosos exilados portugueses. Parece ter sido apenas de quatro meses a sua permanência neste país, do qual partiu para França e na cidade bretã de Rennes, frequentando a sua biblioteca, ali passava Herculano os seus dias debruçado sobre velhos manuscritos.

À data do desembarque no Mindelo, uma diferença havia entre os dois homens que viriam a ser os precursores do Romantismo. Enquanto Garrett, que se exilara pela primeira vez em 1823, vinha já precedido de fama literária, Herculano, pelo contrário, era pràticamente desconhecido. A sua pujante actividade iria iniciar-se após o regresso do exílio. Garrett, estudante em Coimbra quando da revolução liberal de 1820, saudara esta em verso inflamado compondo a tragédia clássica «CATÃO», que seria representada em Plymouth perante uma selecta assistência de exilados e é na Inglaterra que toma conhecimento do Romantismo, lê Walter Scott que tomou para tema dos seus romances os monumentos góticos como fundo em que movimenta os seus personagens, e ali, como já atrás dissemos, divulga a nova escola literária alemã.

«Lendas e Narrativas», «Eurico», «O Monge de Cister», «O Bobo», obras imortais da nossa literatura, cabe a Herculano a glória de ter sido, entre nós, o criador do romance histórico. Mas o poeta, o jornalista, o romancista, haviam de ceder o passo ao historiador. Se Herculano foi grande em tudo, como historiador foi gigante. Criador da história como ciência, para Herculano, cultor da Verdade que incessantemente buscou, só esta contava. Por mais fundas e veneráveis que fossem as lendas ou tradições, só o que documental e cientìficamente pudesse ser provado tinha valimento. Conhecedor, como ninguém, na sua época e entre nós, dos modernos processos de crítica e interpretação aplicados à história, que na Europa haviam atingido notável impulso, principalmente na França, Alemanha e até na vizinha Espanha, os seus profundos conhecimentos de Paleografia e Diplomática, as suas pacientes investigações em bibliotecas e arquivos, desvendando os segredos de documentos até então jamais consultados, Herculano escreve a «História de Portugal» em moldes inéditos no nosso país. Esta deixa de ser a mera narração cronológica dos feitos guerreiros dos grandes senhores para nos dar uma visão nítida da emancipação do homem desde os recuados tempos da servidão até à sua transformação em cidadão livre como elemento constitutivo da nacionalidade, as suas lutas contra os grandes que o oprimiam, a defesa dos seus direitos através dos concelhos ou municípios. Mas obra tão grande iria acarretar ao seu autor alguns dissabores. Antes, porém, daremos uma breve síntese da vida de Herculano após o abandono da vida militar, que foi de curta duração, cerca de um ano. Assim, entre os anos de 1833-37 ocupa os cargos de Bibliotecário do Paço Episcopal do Porto e da Biblioteca da mesma cidade, director da valiosa publicação literária «O Panorama», a que deu notável incremento e colaboração, até que, em 1839, D. Fernando, o rei artista, o nomeia seu bibliotecário e, neste honroso cargo, Herculano organiza as Bibliotecas Reais da Ajuda e das Necessidades.

(Continua)

Mário de Oliveira Gonçalves e Mário Fernando Gonçalves

Chega-nos a notícia muito triste de que, recentemente, em San Jose, na Califórnia (EUA), faleceram os nossos companheiros Mário de Oliveira Gonçalves e seu filho, o escoteiro Mário Fernando Gonçalves, vítimas de brutal acidente de viação, provocado por derrapagem do veículo em que seguiam.

Mário de Oliveira Gonçalves, que há anos se fixara no Canadá e, desde o ano passado, vivia na Califórnia, contava 45 anos de idade e era casado com a sr.ª D. Etelvina Gonçalves. Foi escoteiro do extinto Grupo 115 e, mais tarde, escoteiro-chefe do Grupo 85.

Seu filho, Mário Fernando, jovem de 13 anos de idade, foi também escoteiro do 85 e actualmente do movimento escotista americano.

«Sempre Pronto» manifesta o seu profundo pesar a toda a família em crepes.

Dr. José Francisco dos Santos

Já quando o nosso jornal estava na máquina, recebemos a infausta notícia da morte do sr. Dr. José Francisco dos Santos, devotado escoteiro e dirigente muito dedicado do Corpo Nacional de Escutas.

No próximo número, referir-nos-emos mais detidamente a este acontecimento, aproveitando, desde já o ensejo, para apresentar pêsames muito sentidos à família enlutada e ao Corpo Nacional de Escutas.

Dr. João Ribeiro dos Santos

Ainda outra infausta notícia nos surge, em comunicação da Repartição Mundial de Escotismo. O falecimento no Brasil do sr. Dr. João Ribeiro dos Santos, médico ilustre e dirigente muito dedicado e competente da União dos Escoteiros do Brasil, grande amigo dos Escoteiros de Portugal. No próximo número esperamos poder dar mais completa notícia deste triste acontecimento, mas apresentamos já a manifestação do nosso pesar à família enlutada e à União dos Escoteiros do Brasil.



GRUPO N.º 1

Acampamento na Arrábida

Este grupo, de colaboração com o Departamento de Menores da ACM, efectuou em 28 de Fevereiro e 1 de Março findos, um acampamento na serra da Arrábida.

Foram feitas provas de marcha e de orientação, exercícios de técnica campista, seguimento de pistas, noções de montanhismo e sua segurança e ainda provas nocturnas.

Desportos

A actividade desportiva do Grupo 1 tem sido francamente animadora.

Assim, disputou-se um torneio de pingue-pongue com vista à preparação para provas a organizar pelos Serviços Centrais.

O futebol de salão também tem estado em actividade. Tem havido jogos entre os escoteiros do Um e o Juventude, turma composta por jovens do Campo Grande.

No dia 4 deste mês, os escoteiros treinaram-se com a equipa do Sport Lisboa e Benfica.

Pretende-se, com estas competições, aperfeiçoar a educação desportiva dos intervenientes, quer perante a derrota, quer perante um possível mau comportamento do adversário ou diante de qualquer circunstância adversa.

Homenagem a um escoteiro

No dia 9 de Março p. p., na sala dos escoteiros do Um, foi prestada homenagem ao escoteiro Luís Filipe, a propósito da sua partida para Moçambique.

Este escoteiro ouviu palavras de muito apreço por parte de todos os seus camaradas escoteiros e recebeu muitas lembranças dos companheiros, bem como uma medalha evocativa da ACM e do Grupo 1.

O homenageado agradeceu muito sensibilizado.

Foi ainda servido um jantar de despedida.

UM LOBITO ALERTA NA A. E. P.

Continudção da pág. 8

reconhecido como segundo. Nesta entrevista, volta a declarar-se que é o primeiro. Esclarecemos:

1.º A Chefia Geral começou, em Fevereiro último, a dar destaque aos lobitos que alcançavam esta classe.

2.º O lobito do Grupo 94 obteve esta insígnia em Maio de 1969, como reza a O. S. publicada nesse mês. Ao facto se refere um ofício enviado pela Chefia do 94 aos Serviços Centrais em Novembro findo.

3.º O lobito António Arménio Ferreira Pacheco da Silva, do Grupo 17, do Porto, alcançou essa insígnia em 31 de Julho de 1969, a qual lhe foi entregue no acampamento do aniversário do Grupo, em 31 de Agosto do mesmo ano.

4.º As ordens de serviço do Grupo 94, referentes a 1969, só foram enviadas aos Serviços Centrais em Fevereiro último.

5.º O atraso do envio destas O. S. justifica o equívoco da Chefia Geral ao organizar a ordem cronológica dos lobitos distinguidos com esta categoria.

SERVIÇOS CENTRAIS

O XI Acampamento Nacional efectua-se de 14 a 23 do próximo mês de Agosto

Começaram os preparativos para o XI Acampamento Nacional, que se realiza este ano, de 14 a 23 de Agosto p. f., e como já vai sendo hábito, no Parque de Escotismo da Caparica.

A Comissão Organizadora já tomou algumas decisões, como seja a do lema, que será «*Prosseguir*», assim como a referente à da designação do acampamento: XIACNAC, segundo proposta recebida e aceita. Esta designação deve pronunciar-se como *xiaquenaque*, cujo som espera-se fique ràpidamente no ouvido dos escoteiros.

Outras resoluções foram tomadas, entre elas a da realização dos concursos seguintes:

Do emblema do acampamento, reservado a escoteiros, caminheiros e dirigentes escotistas, com entrega de trabalhos até 15 de Maio p. f.;

Do Pórtico Principal, também reservado aos mesmos elementos e entrega de trabalhos até igual data.

Da Marcha-Canção do Acampamento, reservado a escoteiros, caminheiros, chefes, dirigentes, antigos escoteiros e simpatizantes do escotismo, com entrega da letra e música até 30 do mesmo mês de Maio.

De Cartazes de divulgação e incitamento, afixados nas sedes dos Grupos. Cada grupo pode ostentar na sede mais que um cartaz e a data da afixação tem de ser participada aos Serviços Centrais, logo que for feita. Os cartazes devem posteriormente ser remetidos aos S. C. até o dia 4 de Agosto p. f. É reservado a escoteiros e caminheiros.

Os trabalhos, que não serão assinados nem assinalados com qualquer elemento de identificação do autor, devem ser acompanhados de um sobrescrito fechado, contendo exteriormente um indicativo que identifique o trabalho a que diz respeito, e interiormente o nome, idade, e cargo e grupo do concorrente, se for caso disso.

Serão atribuídos troféus escotistas aos primeiros classificados dos concursos do Emblema, do Pórtico Principal e da Marcha-Canção (para este último dois troféus, no caso de não ser a mesma pessoa o autor da letra e da música).

Os três primeiros classificados do concurso de Cartazes receberão prémios pecuniários de 200$00, 100$00 e 50$00, bem como diplomas, que serão concedidos igualmente aos três classificados seguintes.

Jornais de parede, boletins ou jornais de grupo, patrulha ou equipa

Está projectada a organização de uma exposição de jornais de parede e de boletins ou jornais de grupo, patrulha ou equipa, iniciativa a que a Chefia-Geral vai meter ombros.

Os que estiverem interessados em tomar parte nesta actividade ou que pretendam participar num concurso de jornais ou boletins, devem entrar em contacto com a Chefia-Geral, por meio de simples postal.

Actividades desportivas

A Equipa Organizadora de Actividades Desportivas está trabalhando com grande entusiasmo.

Assim, em colaboração com o grupo em formação em Porto Salvo, organizou corridas para escoteiros naquela localidade, as quais se realizaram no dia 12 deste mês, e a que nos referiremos, mais pormenorizadamente, no próximo número.

Em colaboração com a ACM, está em organização um Torneio de Pingue-Pongue entre escoteiros da AEP e do CNE, bem como doutros rapazes interessados em participar.

A competição é de carácter individual e haverá taças e prémios para os mais bem classificados.

Os jogos realizam-se nas mesas da ACM, Rua de S. Bento, 329, em Lisboa, em dias a determinar.

NOVOS GRUPOS DE ESCOTEIROS

Comprovando a afirmação que aqui temos feito de que existem possibilidades de difusão do Escotismo, chega-nos a notícia de que de diversos pontos do país são feitos entusiásticos pedidos para organizar grupos de escoteiros. Podemos citar Espinho, Azambuja, Porto Salvo, Trafaria, Setúbal, Nova Lisboa (Angola), Montijo, Azeitão, Moura, etc.

O Chefe do Núcleo de Gaia está dando todo o apoio à iniciativa surgida em Espinho, que conta com o interesse do respectivo Presidente da Câmara. Azambuja tem a cooperação do Chefe do Núcleo B de Lisboa e do Chefe do Grupo 8. Aqui regista-se o interesse de grande número de candidatos, possibilidade de dispor de sede, e a colaboração de um Antigo Escoteiro do Grupo 79, que poderá vir a ser o dirigente. O Presidente da Câmara vê também com muita simpatia a iniciativa.

Nos outros locais citados, particularmente em Porto Salvo, a ideia parece ter todas as possibilidades de concretização.

O Governador de Angola foi agraciado pelos Escoteiros de Portugal

Tendo em atenção o apoio que o governador-geral de Angola, sr. tenente-coronel Rebocho Vaz, tem dado ao movimento escotista, a direcção da AEP resolveu agraciá-lo com a Medalha de Agradecimento, da classe ouro.

A entrega da medalha àquela personalidade será feita em data a anunciar oportunamente.

Festa de Natal no Lar Granja Luís Rodrigues

A propósito da festa de Natal que os Escoteiros ofereceram aos velhinhos internados neste Lar da Misericórdia de Almada, no Monte de Caparica, recebemos do Presidente da Direcção do Lar um simpático ofício em que agradece a reportagem aqui publicada e acrescenta:

Por tão notável facto apelamos para que V. se digne patentear no vosso jornal a nossa muita gratidão a todos os moços escoteiros pelo carinhoso conforto que proporcionaram aos nossos velhinhos, envolvendo neste sentir o... Chefe Senhor Armando Inácio e quantos tão devotadamente orientam e dirigem os Escoteiros de Portugal. (...)

Aqui fica o registo, garantindo que os Escoteiros têm tanto prazer na sua B. A. que não esperam agradecimentos e, antes, agradecem a oportunidade que lhes é facultada de *servir*.

UM LOBITO ALERTA NA A. E. P.

A classe de Lobito Alerta é a mais alta que a AEP possui para o Ramo de Lobitos.

Cremos, e aliás esta afirmação pertence também ao escoteiro-chefe-geral adjunto sr. Eng.º Nobre Santos, que é a primeira vez que esta classe é concedida a um lobito. É um acontecimento a que «Sempre Pronto» não podia deixar de prestar atenção e, por isso, procurámos o jovem José Vítor dos Reis Carolino, de 11 anos de idade, guia da alcateia do Grupo 94, que frequenta também o 2.º ano da Escola Elementar de Francisco Arruda e que há 10 meses concluiu as provas de Lobito Alerta, sendo-lhe agora imposta a insígnia pelo Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto dos Escoteiros de Portugal.

Acercamo-nos do nosso jovem lobito e fizemos a primeira pergunta:

— Há quanto tempo estás nos lobitos?

— Há cerca de seis anos — respondeu-nos. — Fiz a promessa em 8 de Julho de 1965, no dia do aniversário do meu grupo.

— Tiveste algum cargo no teu bando?

— Tive — disse-nos prontamente. — Primeiro, fui subguia dos Encarnados; mais tarde, guia do mesmo bando e finalmente sou o guia da Alcateia.

O sorriso aberto do nosso interlocutor bem dizia que gostava do cargo, mas mesmo assim arriscámos:

— Estás satisfeito por teres sido guia do bando e agora seres o guia da Alcateia?

— Muito contente — volveu rápido — especialmente como guia da Alcateia, por o chefe me dar tal honra em relação aos meus companheiros.

— Mas tem-te custado muito a tarefa de guia de Alcateia? — inquirimos.

— Sim — respondeu-nos, com um menear de cabeça — custou-me um pouco porque é sempre difícil manter os lobitos na ordem...

E aiuntou:

— Nem todos são lobos, muitos querem ser Bandarlogues.

Achámos graca à última afirmação, que significa desordeiros, desalinhados (macacos), e perguntámos:

— Quem é que te nomeou para tantos cargos?

— Foi o chefe da Alcateia.

Deixámos o nosso entrevistado respirar uns momentos e «disparámos» nova pergunta:

— Custou-te muito tirar as provas de 1.ª e de 2.ª Estrelas?

Pensando um pouco, respondeu-nos:

— Bom, a 1.ª Estrela acho que foi fácil; já não me lembro, foi há tanto tempo. A 2.ª Estrela foi um bocadinho difícil.



O lobito José Vítor dos Reis Carolino recebe a insígnia de «Lobito Alerta»

— Olha lá — atalhámos — e as provas de Lobito Alerta?

— Essas foram mais difíceis que as outras, mas com um pouco de boa vontade, tudo se conseguiu.

Por notarmos que a vaidade não é apanágio deste rapaz, afirmámos:

— Sabes que és o primeiro lobito Alerta da AEP?... Como sentes esse facto?

— Estou muito contente por ser o n.º 1, mas gostaria que todos os lobitos conseguissem obter esta classe.

Como para alcançar a classe de «Lobito Alerta» se exigem várias insígnias de capacidade, perguntámos ao Reis quais as que possuía.

— Tirei doze — foi a resposta. — Posso dizer quais: coleccionador, observador, guia de região, trabalhos domésticos, primeiros socorros, desportista, sinaleiro, artista, cantor litúrgico, evangelista, campista e vigor físico.

— Muito bem! bom recorde! Quantas tencionas obter, quando fores escoteiro?

— Penso tirar as necessárias para ser Escoteiro da Pátria — afirmou-nos, com convicção.

— Quê?! tencionas ser Escoteiro da Pátria?

— Por que não? Nada é impossível e estou disposto a isso.

— Óptimo, assim é que é. «*Sempre Pronto*» faz votos por que, daqui a quatro anos, tenhas essa classe.

O nível de conversa, levou-nos a uma tentativa de perguntas com um carácter mais definido:

— De que actividades gostas mais?

— Acampamentos (que pena serem tão poucos!), excursões ao campo e toda a espécie de jogos. O Acampamento Nacional e também uma excursão ao Entroncamento para ensinarmos os lobitos de lá, foram duas actividades que jamais esquecerei.

Outra questão lhe pusemos:

— Sentiste alguma dificuldade nos jogos de lobitos?

— Não. Mas nem sempre ganhei, porque havia na Alcateia lobitos muito mais rápidos que eu.

— Bom, Reis: vamos fazer-te uma pergunta importante: Achas que o lobitismo é realmente bom para a rapaziada mais jovem?

O Reis pensou, pensou e retorquiu-nos:

— Acho que sim. Aprende-se a ser rapaz como deve ser, tornamo-nos aptos e desenvoltos, brincamos e jogamos bastante.

— Até que idade é que gostavas de ser lobito?

— Penso que o lobitismo devia finalizar pelos 10 anos. Quando passei para a escola secundária, verifiquei que o uniforme escoteiro é mais atraente para mim e essa é a opinião do resto da *malta*.

Atalhámos então:

— Esse problema vai acabar para ti, uma vez que vais passar em breve à Divisão Escoteira. A propósito: que actividades gostarias de praticar como escoteiro?

Resposta pronta:

— Muito campo. De casa estou farto. Desportos, principalmente futebol e corridas, acampamentos e bons jogos.

A entrevista estava a chegar ao fim; mas ainda perguntámos:

— Gostaste de ser premiado com a medalha de Assiduidade, da classe prata?

— Gostei e a minha mãe também gostou muito. Sinto-me orgulhoso, porque há poucos lobitos, e parece-me também poucos escoteiros, que a possuam.

— Pronto, Reis, obrigado pelas tuas palavras. «*Sempre Pronto*» deseja que continues a ser óptimo elemento do Movimento Escoteiro.

Pata do Lobo

N. da R. — No nosso último número, dissemos que o lobito José Vítor Reis Carolino, a princípio considerado o 1.º «Lobito Alerta» da AEP, acabara por ser

Continua na página anterior

DE MÊS PARA MÊS

BEM SERVIR

Fomos há dias renovar o Bilhete de Identidade no Arquivo de Lisboa. Prontamente atendidos, o respectivo funcionário prestou amàvelmente as informações de que carecíamos, solicitou delicadamente selos e bilhete anterior, despachou ràpidamente a documentação e despediu-nos com cortesia apontando o serviço seguinte.

Concluímos que tínhamos sido acolhidos por funcionário exemplar, de autêntica formação escoteira, sempre pronto a BEM SERVIR. Mas, no serviço dactiloscópico, fomos novamente acolhidos com as mesmas atenções. Então considerámos que existia naquele serviço público espírito de equipa, também caracteristicamente escoteiro. Que bom seria se em todos os serviços que se relacionam com o público pudéssemos encontrar este mesmo ambiente! O Escotismo bem pode lutar por mais vasta e profunda influência na mocidade, para que o ideal de Bem Servir possa contribuir para tornar a vida mais fácil, a começar pela vida daqueles que prestam serviço.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO

Director - Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção

MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:

CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00